

Índice

A Uma Hora tão Tardia	11
A Morte Lenta e Dolorosa	39
Antártida	57
Agradecimentos	75

A Uma Hora tão Tardia

Na sexta-feira, 29 de julho, Dublin teve o tempo previsto pela meteorologia. Durante toda a manhã, um sol descarado brilhou em Merrion Square, alcançando a secretária onde Cathal se encontrava, ao lado da janela aberta. Um aroma a relva cortada chegava até ele, e de vez em quando uma brisa cálida agitava a hera no parapeito. Quando uma sombra passou, ele olhou para fora: uma escaramuça de andorinhas lá no alto, em camaradagem. Em baixo, no relvado, algumas pessoas apanhavam sol e havia crianças, e canteiros intumescidos de flores; tanta vida a fluir tranquilamente, não obstante a confusão dos contratempos humanos e de se saber como tudo tem de terminar.

O dia parecia já longo. Quando voltou a olhar para a parte superior do ecrã, leu 14h27. Lamentava, agora, não ter saído à hora do almoço e dado um passeio até ao canal. Podia ter-se sentado ali por algum tempo, num dos bancos, a ver os cisnes a devorarem migalhas de pão e outros restos de comida que as pessoas atiravam para a água. Inadvertidamente, fechou o ficheiro de distribuição orçamental em que estivera a trabalhar antes de o gravar. Então foi percorrido por um lampejo de algo semelhante a desprezo, levantou-se e percorreu o corredor até à casa de banho dos homens, onde não estava ninguém, e entrou num dos compartimentos. Ficou algum tempo sentado na tampa da sanita, a olhar para a parte de trás da porta, onde não havia nada escrito ou

rabiscado, até se sentir um pouco mais calmo. Depois foi até ao lavatório e molhou a cara, e secou lentamente o rosto e as mãos na toalha de papel que saía, automaticamente, do dispensador.

No caminho de regresso à sua secretária, parou na máquina de café, premiu a opção «Americano» e aguardou até que ele fosse despejado na chávena.

Estava quase pronto quando entrou Cynthia, a mulher da contabilidade, sempre vestida de cores vivas, a rir ao telemóvel. Ela fez uma pausa quando o viu, e desligou pouco depois.

«Tudo bem, Cathal?»

«Sim», disse ele. «Tudo ótimo. E contigo?»

«Tudo ótimo.» Ela sorriu. «Obrigada por perguntares.»

Ele pegou no café e saiu sem lhe pôr açúcar, antes que Cynthia pudesse dizer mais alguma coisa.

Quando tornou a sentar-se à secretária e olhou para a parte de cima do ecrã, eram 14h54. Reabriu o ficheiro e lera o conteúdo, preparando-se para lhe introduzir de novo algumas das correções, quando apareceu o chefe.

O chefe era uns bons dez anos mais novo do que ele, um homem do Norte, que usava roupa de marca e jogava *squash* aos fins de semana.

«Então, Cathal? Como vão as coisas?»

«Bem», respondeu Cathal. «Obrigado.»

«Trouxe almoço, alguma coisa para comer?»

«Trouxe», disse Cathal. «Não há crise.»

O chefe estava a olhar para ele, a reparar na sua indumentária de sempre, a camisa, a gravata, as calças, os sapatos por engraxar.

«Sabe que não precisa de ficar», disse o chefe. «Porque é que não dá o dia por terminado?» Corou então um pouco, parecendo algo embaraçado com a frase bem-intencionada.

«Estou só a acabar o projeto de orçamento», disse Cathal. «Querria avançar com isto.»

«Está bem», disse o chefe. «Você é que sabe. Vá com calma.»

Então, o chefe retirou-se para o seu escritório, e Cathal ouviu a porta a fechar-se suavemente.

Quando tornou a olhar para fora, o céu estava azul e deserto. Tomou um gole do café amargo e olhou de novo para o ficheiro que não tinha gravado. Não era fácil vê-lo agora, sob a luz do Sol, pelo que alterou a fonte para negrito e inclinou o ecrã. Durante alguns momentos, voltou a tentar concentrar-se no que ali via, mas no final decidiu atirar-se aos blocos de letras, que seriam todas idênticas, excetuando o nome:

Estimado _____,

*Obrigado pela sua candidatura a uma Bolsa em Artes
Visuais. O júri de seleção já reuniu e tomou a sua decisão.
A fase final foi extremamente competitiva, e lamentamos
informar que nesta ocasião...*

Às cinco da tarde, tinha a maior parte das rejeições impressas no papel timbrado e estava diante do elevador, à espera. Ouvindo alguém a chegar, empurrou a porta que dava para as escadas. Estava mais quente ali e cheirava a mofo. A rapariga polaca, que limpava depois do expediente, estava encostada ao corrimão, a escrever uma mensagem. Cathal sentiu que ela o observava ao passar, e ficou contente por chegar ao fundo das escadas e à porta, por sair para a rua, onde havia barulho e uma cerrada fila de automóveis parados nos semáforos.

Tirou a gravata e procurou no casaco o passe de autocarro, que estava ali, no bolso de dentro, e seguiu até Davenport para esperar a camioneta de Arklow. Sem nenhum motivo específico, parte dele desconfiou que a camioneta não viria nesse dia, mas depressa a viu a subir Westland Row e a parar, como sempre, para deixar os passageiros embarcarem.

Quase todos os lugares estavam ocupados, e ele teve de se sentar num dos bancos da coxia, ao lado duma mulher com excesso de peso, que se deslocou um pouco mais para a janela para lhe dar espaço.

«Belo dia hoje, hã?»», disse ela, alegremente.

«Verdade», concordou Cathal.

«Dizem que está para durar», disse ela. «Este bom tempo.»

Tinha escolhido mal; aquela mulher ia querer conversar. Desejou que ela se mantivesse calada — mas depois caiu em si.

«É bom saber disso», disse ele.

«No domingo vamos levar os netos até Brittas, para darem um mergulho», continuou ela. «Se não nos despachamos, o verão vai-se embora. Os dias parece que voam, não é?»

A mulher tirou do bolso um pacote de rebuçados de mentol e ofereceu-lhe um, que ele recusou.

«E você?», disse ela. «Algum plano para o fim de semana prolongado?»

«Vou só aproveitar para descansar», respondeu Cathal, levando a conversa para um beco sem saída, donde não poderia escapar.

Normalmente, ele teria pegado no telemóvel para ver as mensagens, mas descobriu que não estava preparado — então perguntou-se se alguém alguma vez estaria preparado para o que era difícil ou doloroso.

«E vamos levá-los à quinta do meu irmão, que é produtor de leite», continuou a mulher. «Não queremos que eles cresçam a pensar que o leite sai numa embalagem. As crianças de hoje em dia são tão privilegiadas, não são?»

«Suponho que sim.»

«Tem filhos?»

Cathal abanou a cabeça. «Não.»

«Ah, melhor assim», disse ela. «Só nos dão desgostos.»

Cathal pensou que a mulher ia continuar, mas ela enfiou a mão na mala e tirou um livro, *A Mulher Que Ia contra as Portas*, e daí a nada estava a virar as páginas, absorta.

O trânsito estava mais intenso do que era costume àquela hora, saindo da cidade e seguindo pelo topo da N11, mas, depois de passarem o desvio para Bray e de entrarem na autoestrada, o trânsito fluíu. Cathal olhou para as árvores e para os campos que passavam, e para as colinas arborizadas mais além, nas quais reparava quase diariamente, mas que nunca havia escalado. Mais cedo do que esperava, tinham chegado à saída para Wicklow

Town e continuavam mais para sul, mais ou menos à hora do costume.

Tinha sido um dia sem nada de especial. Na paragem em frente ao restaurante Jack White, uma mulher grávida atravessou a coxia e sentou-se no lugar vago à sua frente. Ele ficou ali sentado a sentir o perfume dela, até que lhe ocorreu que devia haver milhares de mulheres, se não centenas de milhares, que cheiravam ao mesmo.